

CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



Maria Madalena e as mulheres do século XXI: misoginia e omissão da Igreja?

Mary Magdalene and women of the 21st Century: misogyny and omission from the church?

Regiane Teixeira Cardoso 

Curitiba, PR, Brasil

PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Escola de Educação e Humanidades

Nome Dra. Andreia Cristina Serrato ^[b] 

Curitiba, Pr, Brasil, UF, País

Pontifícia Universidade Católica (PUC-PR), Docente, Teologia

Como citar: CARDOSO, R. SERRATO, Andreia Cristina. Maria Madalena e as mulheres do século XXI: misoginia e omissão da Igreja? *Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 8, n. 1, p.101-119, jan./jun., 2023. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.08.01.p101-119>

Resumo

Este artigo visa buscar a verdadeira identidade sobre a personagem de Maria Madalena e sua omitida, mas, legítima posição no cristianismo primitivo. A reflexão se faz necessária para desmistificar as injúrias que lhe foram atribuídas durante muitos séculos. O trabalho tem como objetivo relacionar o modelo de discipulado de Maria Madalena para com as mulheres da atualidade, estabelecendo uma importante relação entre a exposição das veladas razões pela qual a sua figura foi reprimida,

^[a] Regiane Cardoso, email: re22babi@gmail.com

^[b] Doutora na área de Teologia Sistemática - é professora do Programa de Pós-graduação em Teologia e da Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. andreia.serrato@pucpr.br

com a enorme resistência da Igreja ao acolhimento da figura feminina dentro da instituição católica. Refletir a história de Maria Madalena permite elucidar a valorização das mulheres dentro da Igreja, que ainda hoje, se mantém camuflada. A história do passado se conecta com a do presente quando nos deparamos com o tratamento direcionado a figura feminina no meio eclesial. Perspicaz a realidade da sociedade atual, o Papa Francisco tem procurado propor reflexões significativas na perspectiva da inserção da mulher na Igreja em todas as suas instâncias, amparado em decretos já existentes desde o Concílio Vaticano II, que infelizmente ainda não saiu do papel. Para o Santo Padre a presença das mulheres dentro da Igreja é de suma importância para todo o povo de Deus empenhado num concreto e efetivo processo de sinodalidade. Denota-se com essa pesquisa a ausência de um posicionamento público da instituição católica, quanto ao não reconhecimento das mulheres, onde a supremacia masculina da Igreja, se mantém, e é resistente ao declínio do clericalismo.

Palavras-chave: Maria Madalena. Discípula. Mulheres. Papa Francisco. Século XXI.

Abstract

This article aims to seek the true identity of the character of Mary Magdalene and her omitted, but legitimate position in primitive Christianity. Reflection is necessary to demystify the insults that have been attributed to her for many centuries. The work aims to relate Mary Magdalene's model of discipleship to women today, establishing an important relationship between the exposure of the veiled reasons why her figure was repressed, with the Church's enormous resistance to welcoming the female figure within the Catholic institution. Reflecting on the story of Mary Magdalene allows us to elucidate the value of women within the Church, which remains camouflaged even today. The history of the past connects with that of the present when we come across the treatment of the female figure in the ecclesiastical environment. With insight into the reality of today's society, Pope Francis has sought to propose significant reflections from the perspective of the insertion of women in the Church in all its instances, supported by decrees already in existence since the Second Vatican Council, which unfortunately has not yet come to fruition. For the Holy Father, the presence of women within the Church is of utmost importance for all the people of God committed to a concrete and effective process of synodality. This research highlights the absence of a public positioning of the Catholic institution regarding the non-recognition of women, where the male supremacy of the Church remains, and is resistant to the decline of clericalism.

Keywords: Maria Madalena. Disciple. Women. Pope Francis. XXI century.

Introdução

O presente estudo refletirá sobre a personagem de Maria Madalena, fundamentada nas ações e ensinamentos de Jesus para as mulheres com o propósito de uma análise em torno da delicada relação entre a Igreja e a figura feminina.

A apresentação de Maria Madalena possui o desígnio de colocá-la no posto que verdadeiramente lhe pertence, o de exemplar modelo de fidelidade ao discipulado. Para muitos pesquisadores e escritores que já tiveram a sensatez de direcionar um olhar atencioso a essa mulher nas narrativas da Sagrada Escritura, produzindo artigos e livros em sua defesa, não encontrarão informações inéditas de quem realmente foi Maria Madalena, mas para as pessoas que ao falar sobre ela ainda possuem a imagem de uma “prostituta”, “adúltera” ou “pecadora redimida” é prudente solicitar uma significativa atenção para que se realize uma justa visão sobre sua figura.

Na perspectiva da história de Maria Madalena, testemunha da ressurreição de Jesus, se consegue avaliar a realidade das mulheres do século XXI que fortemente perpetua sua presença atuante em diversos ambientes dentro da Igreja, que por sua vez, ainda, se depara com o grande desafio de reconhecer, valorizar e principalmente aceitar a presença da figura feminina em todos os níveis de relevância em seu interior. Apesar de todo o empenho do Papa Francisco em procurar várias maneiras de promover uma concreta, importante e urgente inclusão das mulheres em diversas posições de igualdade dentro da Igreja, infelizmente, devido ao grande número de opositores a essa necessidade, lamentavelmente, constata-se que ainda não é possível perceber, presenciar e tampouco vivenciar uma concreta inclusão.

Para o desenvolvimento do tema situaremos o lugar que Maria Madalena ocupou de fato no cristianismo. Em seguida apresentaremos essa apóstola nos evangelhos sinóticos e em João. Na sequência, apresentaremos como ela é referida na história da Igreja para, então, refletirmos sobre a mulher e seu discipulado na atualidade e com o Papa Francisco.

Quem Foi Maria Madalena?

Ainda que deficientemente as averiguações sobre a personagem de Maria Madalena sejam ínfimas, a pesquisa realizada proporcionou o encontro de alguns artigos e livros de autores preocupados em enunciar a importância desta mulher para a história da igreja primitiva, alcançando até os tempos atuais. Não se pode depreciar a informação de que, excluindo Maria, a mãe de Jesus, ela curiosamente é a mulher mais citada no Novo Testamento, e por muitas vezes, sendo mais lembrada que muitos apóstolos. Não é à toa que nos primeiros séculos, a tradição da Igreja, lhe concedeu o título de “apostola apostolorum” (apóstola dos apóstolos): “O fato de Maria Madalena ter sido reconhecida como discípula e apóstola não lhe confere a autoridade que foi atribuída aos discípulos e apóstolos, o que não significa que ela não foi respeitada por sua fé.” (BOER, 1999, p.76).

Com o devido entendimento é possível afirmar que Maria Madalena, por muito tempo, foi confundida com outras personagens da Sagrada Escritura e essa conjunção, não somente prejudicou a compreensão dessa personagem, como também tem dificultado a compreensão da figura feminina. Esse fato foi pretexto de muitos imbróglis, que acabou gerando profundas cicatrizes na fidedignidade atuante das mulheres dentro da Igreja e que infelizmente resiste até a atualidade. Explorando as limitadas informações sobre Maria Madalena facilmente percebe-se que sua história ao longo do tempo é repleta de equívocos em diferentes pontos, a começar pelo seu nome, pois Madalena não é sobrenome de Maria, dado que, naquela época as pessoas não usavam sobrenome, mas sim um adjetivo para identificar a sua origem, no caso dela, natural de Magdala (em hebraico Migdal Nunayah – torre do peixe ou em grego Tarichea – peixe salgado), cidade que continha uma aldeia de pescadores situada à margem ocidental do lago da Galiléia, onde havia um importante e conhecido centro comercial de peixes:

O historiador Flavio Josefo, anteriormente a Grande Revolta Judaica (66-73 d.C.), fala de uma cidade próspera e muito bem-conceituada, com mais de quarenta mil habitantes, localizada ao norte de Tiberíades, que contava não meramente com uma intensa atividade em venda de peixes, mas conjuntamente, possuía uma forte indústria de tinturaria, um grande comércio em tecelagem de seda, um hipódromo e uma discreta carpintaria naval, lamentavelmente, anos depois, o apologista judaico-romano relata que muitos habitantes dessa região participaram da guerra judaica em oposição às legiões romanas de Tito e Vespasiano, resultando em uma cidade totalmente massacrada, onde os velhos foram mortos imediatamente, os jovens e fortes enviados a Nero e o restante vendidos como escravos. (The Jewish War de Flavius Josephus – apud Esther de BOER, 1999, p.36-43).

A cidade em questão era Magdala ou Tarichea, localizada precisamente entre as cidades de Tiberíades e Genesaré, localizações citadas inúmeras vezes na Bíblia por serem regiões onde Jesus cumpriu grande parte de sua missão, fato que fortalece a suposição de que em seu deslocamento entre uma cidade e a outra, tenha ocorrido o provável primeiro encontro com Maria Madalena: “Era comum, naquele tempo, que cidades onde coexistiam culturas diferentes tivessem também os nomes em seus idiomas respectivos.” (TOMMASO, 2020, p. 24).

Com o significado de fortaleza, Magdala, dispunha de uma natureza rica e abundante, que acolhia pessoas de diferentes religiões e costumes, tornando-se uma comunidade tolerante com uma convivência pacífica entre as culturas judaica e grega. Essa particularidade assegura não unicamente os sinais da origem de Maria Madalena, mas inclusive de suas condições, uma vez que, devido o encontro do registro de sua denominação ser vinculado ao nome hebreu da cidade, especificamente ao nome de Magdala e não ao nome de Tarichea, reforça a indagação de que ela era judia, portanto, pelos costumes da época, mulheres judias não podiam andar sozinha pelas ruas e dificilmente falar com um homem, em paralelo, ao ser conhecida como Maria de Magdala, deparamos com o forte indício de que se tratava de uma mulher independente e conhecida na cidade, sem vínculos com nenhuma casa patriarcal ou qualquer outra pessoa.

Essa referência é facilmente compreendida entre os pesquisadores: “Nos Evangelhos, encontramos outras Marias, o que provocou muita desordem na delicada tarefa de identificar cada uma, sem confundir umas com as outras...” (MAIA, 2023, p.16). E curiosamente Madalena é a única Maria, citada nos textos canônicos, que é identificada por sua procedência e não pelo seu grau de parentesco, assim sendo, ela não é “filha de” ou “irmã de” e caso fosse, tal informação, jamais seria omitida pelos evangelistas, também como, ela não é “esposa de” ou “mãe de”, minuciosidade importante para derrubar a difamação de “adúltera” e evidenciar sua eminente independência que era incomum naquele período, pois como se sabe, as mulheres daquele tempo possuíam um papel extremamente restrito, não obtinham direito algum, não podiam falar em público e sua voz não tinha validade para nada, vistas somente como objeto de uso e abuso, com a definida função de gerar filhos e servirem fielmente, de todas as formas, os homens (pais, irmãos, maridos e filhos) de uma sociedade patriarcal, corrupta, machista e individualista.

Considerando os padrões patriarcais da antropologia cultural daquele período, classificar Maria Madalena como uma “mulher fora de seu tempo” não é nenhum exagero, porque ninguém pode duvidar que seu nome evocava a uma singular figura feminina que foi atingida por concepções ao ser mal vista devido a sua autonomia. Vários historiadores mencionam que ela não apenas pertencia a uma família abastada, mas igualmente, era uma mulher que tinha posses suficientes para ajudar Jesus e seus discípulos, durante o período da vida pública do Messias. Não se pode negar que o fato de Maria Madalena, sendo uma mulher rica, podendo aderir originalmente aos fariseus, circunstância que estaria dentro da normalidade daquele tempo, tenha negativamente surpreendido a muitos por escolher o caminho de se tornar uma legítima e fiel seguidora daquele que era chamado por muitos de “artesão itinerante” da Galileia ou de “Nazareno”:

“[...] a própria deformação operada sobre ela, com resultados por vezes tragicômicos, pode significar que sua figura reflete alguma exigência universal. Hoje compreendemos que a história é densa de descobertas relativas à mentalidade e à experiência da fé. Diante disso, dois caminhos se abrem à reflexão. O primeiro é voltado para libertar o personagem evangélico de todas as mistificações, arbitrariedades e ideologias que se acumularam sobre ele, a fim de restituir Maria de Magdala à sua autêntica dimensão de discípula e apóstola. O segundo itinerário, não separável do primeiro, consiste em investigar o processo histórico da construção e deformação do personagem. Não se trata somente de refletir sobre uma mulher do Evangelho, cuja importância foi provavelmente muito maior daquela que a tradição em seguida lhe reconheceu, mas sim de repensar o problema do feminino, na história da Igreja e na economia salvífica.” (SEBASTIANI, 1995, p.15).

A escolha que ela fez para aderir ao seguimento de Jesus se deu por conta de presenciar os ensinamentos passados pelo Mestre que conseguia proporcionar uma convivência de cumplicidade entre homens e mulheres, ademais como, o seu interesse por ele cresceu por conta do tratamento igualitário que era dado a todos os seres “invisíveis” naquela sociedade exclusivista. Nenhum irmão ou irmã era superior aos demais, uma vez que, todos compartilhavam entre si os ensinamentos e amor fraterno ofertado por Jesus. Exatamente por esses detalhes que facilmente encontramos nos textos bíblicos, os incontáveis seguidores do Filho de Deus, porquanto os homens e as mulheres ou velhos e novos, descobriam um novo lar e uma nova família, onde se aprendia a viver uma vida compartilhada e praticar uma solidariedade concreta, favorecendo uma equidade entre todos sem nenhuma hierarquia pré-estabelecida por qualquer figura masculina.

As atitudes de amabilidade de Jesus, que atendia e acolhia de forma igualitária tanto os homens quanto as mulheres, não lhe deram boa fama, porque suas palavras e suas ações revelavam a todos, seguidores ou não, a sua proximidade e compaixão com todas as mulheres, feitos reforçados pelo fato de que ele não ocultava o seu carinho por elas, pois não as curava simplesmente, mas também as escutava. Desta forma Ele ia demonstrando com suas atitudes que havia chegado a Nova Era, com isso fomentava as pessoas em suas mais variadas dimensões, difundindo características de aceitação, respeito e amor para os ensinamentos do Pai, afastando as maldades que se manifestavam com a intolerância sobre as diferenças entre si.

Maria Madalena nos Evangelhos Sinóticos

Sabemos que Maria Madalena não foi a única mulher a seguir o Messias, muito pelo contrário, interessadamente, nos Evangelhos, mesmo sem o conhecimento de muitos nomes, Jesus sempre aparece acompanhado de inúmeras mulheres, uma vez que todas elas sempre foram muito importantes para ele. O diferencial com a Maria de Magdala, que acaba reivindicando uma maior relevância, ocorre devido a essa mulher se destacar entre tantas outras mulheres, pois ela era nomeada, apropriadamente identificada. Com isso, aplica-se uma atenta leitura para perceber Maria Madalena nos evangelhos sinóticos: “Nos Evangelhos seu nome é citado sempre em primeiro lugar, o que indica sua liderança, seu protagonismo e destaque na comunidade.” (MAIA, 2023, p.17). Isso ocorre mesmo quando ela aparece acompanhada de outras mulheres, que lamentavelmente não foram devidamente identificadas, seguem alguns exemplos:

- Mateus 27, 55s: “Estavam ali muitas mulheres, ... Havia acompanhado Jesus desde a Galileia, a servi-lo. Entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu.”;
- Marcos 15, 40s: “E também estavam ali algumas mulheres, olhando de longe. Entre elas, Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago, o Menor, e de Joset, e Salomé. ... E ainda muitas outras que subiram com ele para Jerusalém.”;

- Lucas 8, 1-3: "... os doze o acompanhavam, assim como algumas mulheres ... Maria, chamada Madalena, ... Joana, mulher de Cuza, ... Susana e várias outras, que o serviam com seus bens.”;

Para não confundir Maria Madalena como uma mulher de vida desajustada e poder distinguir corretamente a sua personagem, é necessário empregar uma vasta atenção para a multidão de “Marias” que aparece nos Evangelhos. Atualmente há numerosos estudos de biblistas confirmando que Maria de Magdala nada tem a ver com a “pecadora” (a qual não se sabe o nome) que lavou os pés de Jesus com suas lágrimas e enxugou com seus cabelos na casa de Simão (Lc 7, 36-38; 44-50) e muito menos com a Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro (Lc 10, 38-42 e Jo 11, 1-35).

A depreciação de Maria Madalena com “meretriz”, apesar das diversas pesquisas desmentirem tamanha difamação, infelizmente, é preciso registrar, que ela foi mantida por muitos séculos, e tal depreciação gerou uma grave consequência, pois acabou ocultando a intensa e fraterna ligação de Jesus com as mulheres. Em relação a Maria Madalena, omitir esse vínculo lhe deixou marcada por uma rejeição que se perdurou por muito tempo, fazendo com que ela perdesse o reconhecimento como a discípula predileta do Senhor, a mulher destemida, a primeira testemunha do Ressuscitado, a apóstola dos apóstolos e aquela que correspondeu intensamente ao chamado do Verbo encarnado, cultivando os ensinamentos e o amor de Jesus com coragem e confiança em sua fé amadurecida.

Dignamente se pode destacar que Maria Madalena foi uma das mais próximas seguidoras de Jesus, sendo mencionada nos textos canônicos de todos os evangelistas e em muitos outros textos apócrifos, portanto, é possível afirmar que ela foi importante na vida de Jesus, se tornando central e até decisiva em alguns momentos. Talvez esse fato tenha colaborado com os outros motivos que a levaram para o triste caminho de transformação da apóstola para a prostituta, visto que, para a sociedade patriarcal daquele tempo, essa delicada alteração tornaria mais fácil eliminar a importância de sua figura e desaparecer com o seu fiel modelo de seguidora, reduzindo a possibilidade de outras mulheres seguirem o seu exemplo e enfraquecendo a oportunidade de elas, as mulheres, serem legítimas discípulas:

“A história do mito da Madalena na Igreja ocidental é a história de uma grande falsificação, mantida por séculos. Teoricamente, se fala que o mal-entendido foi superado, mas é ilusório, pois se persiste ainda fortemente na mentalidade. Quem não tem conhecimento dos Evangelhos, e ouve falar de Maria Madalena, ainda pensa na mulher de vida fácil, que de alguma maneira se arrependeu, e não na discípula predileta, e não na apóstola da Ressurreição”, explica Lilia SEBASTIANI em entrevista à revista IHU On-Line, 2016, p.31.

Não surpreende que a imagem de Maria Madalena tenha sido associada à “mulher da vida”, pelo simples fato de o patriarcado considerar que os pecados femininos, por excelência, eram de cunho sexual causado por um “encosto”. Esse ponto em particular obtém reforço através de um versículo do Evangelho de Lucas 8, 2 – “... 2 assim como algumas mulheres haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, ...” – o estranho, é que esse seja o único Evangelho a dizer, especificamente que, Maria Madalena, era a mulher “possuída”. Nessa abordagem é preciso considerar que naquele tempo as doenças eram julgadas como manifestações demoníacas e na contramão desse pensamento, atualmente, as mais recentes interpretações à luz de muitos estudos bíblicos, vem divulgando que para o evangelista, a “posseção”, tem significado de uma doença e não de um “encosto” ou “pecado”, trazendo à reflexão de que o sofrimento causado por este tormento não seria consequência ou castigo por faltas morais. Já com o número sete (visto como um número completo), Lucas, parece indicar a gravidade do problema ou de uma doença crônica, como um relato de algo “fora do comum”. Também existem alguns biblistas que levantam a probabilidade de que esses “maus espíritos” possam ser: amargura, tristeza, depressão, angústia, melancolia ou até mesmo, uma desordem interior: “Provavelmente,

Maria Madalena padecia de uma enfermidade grave, suportando uma situação difícil, como por exemplo, a esquizofrenia.” (MICHELETTI, 2022, p.21).

Maria Madalena no Evangelho de João

O principal protagonista de todos os Evangelhos é Jesus Cristo, mas também, ressalta-se a análise que faz do papel de Maria Madalena nos evangelhos sinóticos e em João, para observar o quanto ela é percebida entre os evangelistas.

A narrativa do Evangelho de João apresenta diferenciais importantes que se tornam determinantes para a pesquisa, tais como: 1) é o texto mais novo entre os quatro evangelistas; 2) é rico em detalhes, principalmente com os longos discursos de Jesus; 3) contém passagens exclusivas sobre o início da vida pública do Filho Amado, seguem alguns exemplos: “Os Primeiros Discípulos” (Jo 1, 35-51); “Estada em Jerusalém” (Jo 2, 23-25); “O encontro com Nicodemos” (Jo 3, 1-21); “Ministério de Jesus na Judéia. Último testemunho de João” (Jo 3, 22-36); e a narrativa sobre “As núpcias de Caná” (Jo 2, 1-11), onde Jesus não somente dialoga com Maria, sua mãe, mas ademais, ela fala com os serventes. Essas e outras particularidades são alguns dos motivos pelo qual se escolhe o Evangelho de João para falar sobre Maria Madalena, pois, por meio dessa narrativa ela ganha voz no relato da ressurreição, vai avisar a Pedro sobre o túmulo vazio, aparece chorando a perda de Jesus e é onde encontramos a sua última aparição dentro dos textos do Novo Testamento.

Fundamentada pela Sagrada Escritura, repetidas vezes nos Evangelhos, esse fato, coloca Maria Madalena como a mulher mais presente durante a vida pública de Jesus e o mais importante é que, expressivamente, para todos os evangelistas ela é a todo momento identificada entre as outras mulheres, indicando protagonismo e liderança na comunidade. Outro fato importante é que a precedência para os Evangelhos possui um grande significado e esse detalhe nas narrativas é altamente relevante para os estudos bíblicos:

“No Quarto Evangelho, de tradição independente, com uma atmosfera diferente daquela dos sinóticos, a figura de Maria Madalena aparece de modo excepcional em três cenas: está presente ao pé da cruz de Jesus (Jo 19, 25-27); aparentemente sozinha, ela foi e constatou que o túmulo estava vazio (Jo 20, 1); e teve o privilégio de ser a primeira a encontrar e dialogar com o Cristo ressuscitado, antes mesmo de Pedro e do outro discípulo, aquele a quem Jesus amava (Jo 20, 16-18).” (MAIA, 2023, p.51).

Observa-se que o Evangelho de João, atencioso aos detalhes, segue um caminho próprio e um grande mistério ao falar sobre o discípulo amado, mesmo assim, ele reconhece Maria Madalena como um dos familiares próximos de Jesus na narrativa da crucificação e ainda a descreve especificamente como discipula e apóstola. Considerando que a palavra “discípulo”, em grego, tem conotação masculina, possivelmente seja o motivo que dificulta conjecturar que o discípulo amado seja uma mulher. Sabe-se que o amor de Jesus não era limitado a uma ou duas pessoas e muito menos diferenciado entre homens e mulheres, pois o Filho de Deus amava “os seus” (Jo 13, 1), que ouviam a sua voz, que o reconheciam e o seguiam, onde se inclui Madalena entre “os seus”, por ser seguidora permanente de Jesus: “Entretanto, tendo por base a narrativa da ressurreição, chega-se à conclusão de que Maria Madalena é um dos discípulos amados de Jesus.” (BOER, 1999, p.68).

No quarto Evangelho, Maria Madalena fala: “Vi o Senhor” (Jo 20, 18), onde há um novo testemunho que foi dado pelo Cristo Ressuscitado e a mensagem confiada a ela é de fundamental importância para o encontro salvífico do Reino de Deus, e que não se dirige somente aos discípulos, mas a todos que aceitam Jesus como caminho, a

verdade e a vida. Mateus, Marcos, Lucas e João são unânimes em enfatizar a característica mais forte dessa mulher, a persistência, apresentando-a como testemunha-chave da morte, do enterro, do sepulcro vazio e da revelação da Boa Nova. Mas é no Evangelho de João, diferentemente dos sinóticos, que a corajosa persistência de Maria Madalena está vinculada a buscar o conforto na proximidade física com Jesus (Jo 20, 11-13). Ao contrário dos discípulos fujões, que se esconderam com medo de serem reconhecidos logo após Jesus ser preso, ela acompanha o Mestre incessantemente, passando pelo calvário, presenciando todo o seu sofrimento até a morte na cruz.

Madalena neste cenário sinaliza o coração humano, que por amor, é capaz de enfrentar qualquer risco e se permanecer fiel ao Mestre (Jo 19, 25-27). Após testemunhar a morte do Filho de Deus ela é tomada pela tristeza, fica desolada e sente a sua fé ferida. Depois de guardar o dia de sábado, conforme costume dos judeus, Maria Madalena, vai sozinha ao túmulo de Jesus: “Uma atitude pouco recomendável para uma mulher, de arriscar-se a ir sozinha a um lugar onde sentenciavam os condenados, [...], mas que se justifica ao se considerar que o amor grita mais alto que os perigos do caminho” (MAIA, 2023, p.53).

No primeiro dia da semana, Maria Madalena vai ao sepulcro, de madrugada, quando ainda estava escuro e vê que a pedra fora retirada do sepulcro. Corre, então, e vai a Simão Pedro e ao outro discípulo, que Jesus amava, e lhes diz: “Retiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram”. Pedro saiu, então, com o outro discípulo e se dirigiram ao sepulcro. Os dois corriam juntos, [...] e viu e creu. [...]. Os discípulos, então, voltaram para casa. (Jo 20, 1-10).

O evangelista sabia da presença de outras mulheres, mas preferiu silenciá-las e destacar a figura de Madalena, que assim que pôde, atravessou a madrugada, para ficar fisicamente próxima de Jesus e chorar a sua morte na frente do túmulo, mas ao ser surpreendida com o que viu foi rapidamente avisar os discípulos. Embora os discípulos, após constatarem o que Madalena dizia, partiram, tendo retornado para casa, mas a sua persistência faz com que permaneça ali na frente do sepulcro aberto, desolada, movida pelo amor e à procura de respostas e em busca do corpo de Seu Mestre e Senhor, sem se preocupar com a situação de vulnerabilidade em que se colocava. Seu pranto, sua tristeza e aflição a cegaram momentaneamente e inibiu os seus pensamentos de imaginar a ressurreição de Cristo. Sua coragem e fidelidade, em meio a tantas lágrimas, a levaram experimentar a graça de encontrar o Ressuscitado.

Maria estava junto ao sepulcro, de fora, chorando. Enquanto chorava, inclinou-se para o interior do sepulcro e viu dois anjos, vestidos de branco, sentados no lugar onde o corpo de Jesus fora colocado, um à cabeceira e o outro aos pés. Disseram-lhe então: “Mulher, por que choras?” Ela lhes diz: “Porque levaram meu Senhor e não sei onde o puseram!” Dizendo isso, voltou-se e viu Jesus de pé. Mas não sabia que era Jesus. Jesus lhe diz: “Mulher, por que choras? A quem procuras?” Pensando ser o jardineiro, ela lhe diz: “Senhor, se foste tu que o levaste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar!” Diz-lhe Jesus: “Maria!” Voltando-se, ela lhe diz em hebraico: Rabbuni!, que quer dizer: “Mestre”. Jesus lhe diz: “Não me toques, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus”. Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: “Vi o Senhor”, e as coisas que lhe disse. (Jo 20, 11-18).

A mais bela e preciosa narrativa da Sagrada Escritura, onde se concretiza a vitória de Jesus sobre a morte, mostra também a fé e a perseverança de Maria Madalena, pois suas lágrimas expressavam a saudade do Mestre e amigo que muito amava. Seu choro somente evidencia o sofrimento humano diante da morte e mesmo se sentindo impotente ela não desiste da sua procura. Não sente medo ao ver os anjos, muito pelo contrário, questionada pelos

seres celestes, explica o motivo do seu pranto, mostrando que a perda do corpo é igualmente dolorosa que a dor de presenciar a morte de Jesus na cruz.

Um ponto importante e muito comentado é o fato de Maria Madalena não reconhecer imediatamente o Seu Mestre Ressuscitado, isso ocorre não apenas pela realidade de que a sua mente está à procura de um cadáver, mas também, pelo fato de: “Antes de mais nada, há a profunda alteridade do corpo glorificado do Ressuscitado em relação ao corpo da experiência humana” (SEBASTIANI, 1995, p.219). Mas essa situação também pode ter o sentido de que, sem perceber, Maria Madalena, inconscientemente, mostra reconhecer Jesus, quando se dirige ao suposto jardineiro, usando uma forma de respeito, chamando-o de “Senhor”. O reforço para a ausência de reconhecimento imediato, aparece na comparação em relação a narrativa de “Os dois discípulos de Emaús” (Lc 24, 13-35), no qual Jesus se aproxima dos viajantes, caminha e conversa com eles, mas não é reconhecido até a partilha do pão.

“Aqui talvez seja melhor explicar o quarto Evangelho pelo próprio quarto Evangelho. “[...] as ovelhas que ouvem a voz. Ele chama as ovelhas pelo nome” (Jo 10, 3); “Minhas ovelhas ouvem a minha voz, eu as conheço e elas me seguem” (Jo 10, 27). Neste episódio, Maria não é apenas uma entre os “seus”, ainda que a mais fiel, mas a primícia mesma dos seguidores de Jesus renovados pela experiência pascal. A maioria destas frases pertence aos discursos de despedida, que o quarto evangelista ambienta teologicamente no contexto da Última Ceia. Esta vem introduzida solenemente ao dizer que Jesus “[...] já sabia que chegara a hora de passar deste mundo para o Pai [...]”. E como amasse os seus, que estavam no mundo, amou-os até o fim”. Aqui Maria é reconhecida solenemente como uma dos “seus”, aliás, como a primícia dos “seus”. O evangelista, portanto, não diz certamente que naquele momento supremo Madalena e as outras discípulas não estivessem presentes, como comumente ainda se acredita”. (SEBASTIANI, 1995, p.221).

O reconhecimento imediato não veio por meio da visão de Madalena, mas rapidamente se manifestou assim que ouviu Seu Mestre lhe chamar pelo nome, “Quem é de Deus ouve as palavras de Deus” (Jo 8, 47). Expressão respaldada no fato de que: “É antiga na fé de Israel a ideia de que crer e reconhecer derivam do ouvir, do ouvido. [...] Chamar pelo nome é típico dos relatos de missão e, pelo valor particular que têm o nome [...]” (SEBASTIANI, 1995, p.221). Pronunciar o nome mostra intimidade ou ato de propriedade e ao chamar Maria, Jesus a identifica como sua, por sua vez, Madalena ao reconhecer o chamado, prontamente, lhe responde em hebraico: “Rabbuni!”, que quer dizer: “Mestre” (Jo 20, 16). Outra particularidade importante no Evangelho de João encontra-se exatamente nessa hora, pois mesmo o evangelista tendo ciência de que Jesus e os discípulos só falavam entre si em aramaico, como todos em Israel naquela época, e pelo fato de suas narrativas não usar frequentemente palavras em hebraico, demonstra a extrema importância do momento ao utilizar na citação o termo Rabbuni.

Outro ponto muito criticado encontra-se no fato de Jesus Cristo Ressuscitado pedir a Maria Madalena para não o tocar, aqui depara-se com ponto de vista penalizador e misógino. Alguns críticos interpretam esse pedido como uma forma de “punição” devido ela ter sido uma mulher pecadora e ignorando o perdão divino, outros comentaristas argumentam que esse pedido ocorreu mediante ela ter ido procurá-lo como um morto e depreciando a sua fé. Mas estudos recentes e mais corrente indicam que esse pedido se justifica de duas formas: a primeira é no sentido de Jesus saber que se Madalena o abraçasse não ia querer mais soltá-lo e conhecendo a fidelidade dessa mulher, explica que: “ainda não subi ao Pai” (Jo 20, 17); a segunda apresenta uma explicação que, de certa forma, favorece a primeira justificativa, pois é no sentido de que o Ressuscitado não pode ser tocado pelo motivo que seu corpo já está fora da experiência humana, mesmo sem ter entrado totalmente na dimensão do Pai.

“[...] seria preciso estar em condição de afirmar algo de objetivo a respeito das formas da Ressurreição e da corporeidade do Ressuscitado, mas são questões que escapam a toda investigação. Os próprios evangelistas, e o autor do quarto Evangelho mais do que qualquer outro, parecem por vezes

conscientemente, senão propositadamente, enigmáticos e contraditórios a esse respeito, como se quisessem insinuar que o corpo de Jesus é ainda o de antes e, no entanto, é já completamente diferente.” (SEBASTIANI, 1995, p.224).

Não se pode esquecer que a vertente de aviltar a personagem ainda se apresenta fortalecida, mesmo ciente que através do Evangelho de João, se enaltece a participação de Maria Madalena em toda a narrativa, sabe-se que na própria continuação do capítulo vinte, após o encontro do Ressuscitado com a discípula predileta do Senhor, o texto traz outra exclusividade do evangelista que é o caso do ceticismo de Tomé que expõe uma fala do próprio Jesus, totalmente diferente daquela que foi dita a Maria Madalena:

“[...] Jesus veio, estando de portas fechadas, pôs-se no meio deles e disse: “A paz esteja convosco!” Disse depois a Tomé: “Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!” Respondeu-lhe Tomé: “Meu Senhor e meu Deus!” Jesus lhe disse: “Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram!” (Jo 20, 24-29).

Esse texto mostra de forma latente o quanto a figura feminina é desacreditada, lembrando que: “[...], se sabe que Jesus jamais teve esses escrúpulos puritanos no curso de sua vida terrena e que permitiu a várias mulheres de tocá-lo.” (SEBASTIANI, 1995, p.223). O Filho do Pai ao ordenar que Tomé o tocasse, não o coloca numa posição superior à de Maria Madalena, como muitos mencionam ao argumentar que Jesus só pôde ser tocado por outro homem, mas sim, ressalta a incredulidade do discípulo, que precisa de “provas” para crer na ressurreição do Mestre, totalmente ao contrário da sua fiel seguidora, que por meio de sua fé amadurecida e do legítimo amor gratuito pelo Seu Senhor, ela acredita e confia no exato momento em que ouve a voz de Jesus pronunciar o seu nome. Com a graça de ter sido a primeira a ver o Ressuscitado, lhe é dada a importante missão de ser a anunciadora, “Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes:” (Jo 20, 17), pois o grupo de seguidores não se tornaria comunidade sem aquele anúncio. “É esta a primeira vez – e a única – que os discípulos são chamados irmãos por Jesus no quarto Evangelho, mesmo se nos discursos de despedida foram chamados filhos e amigos.” (SEBASTIANI, 1995, p.226).

MARIA MADALENA E A HISTÓRIA DA IGREJA

No final do século VI (590), Gregório Magno é eleito papa em votação unânime, e como papa, sempre foi exemplo de humildade. O início de seu pontificado foi marcado por grandes conturbações sociais e econômicas, exigindo que assumisse a função de um líder político e não somente o de líder espiritual, porque nesse período de grandes incertezas e desordem romana, havia também a crise de fé de sua comunidade. E por infelicidade, é atribuído ao Papa Gregório I, a responsabilidade definitiva sobre a catastrófica fusão das três mulheres, em Maria Madalena. Nos diversos sermões que protagonizou, ele repetidamente fez alegações a respeito da mulher, nominalmente, que é mencionada doze vezes nos Evangelhos.

No ano 591, o bispo de Roma, por meio de suas homilias vai tentando criar elementos de estabilidade, de segurança e de fortalecimento para a fé de seu povo, e especificamente em duas delas, 25 e 33, ele cria a “Nova Madalena”, onde ele enfatiza a Maria de Magdala como uma “penitente”. No comentário à narração do texto de João 20, 11-18, na homilia 25, o papa diz: “Maria Madalena, que foi pecadora na cidade, por amar a Verdade, lavou com suas lágrimas as manchas do pecado; [...] Com efeito, aquela que antes era fria pecando, em seguida ardia fortemente de amor” (Homiliarum in Evangelia I. II, Hom.XXV – apud Lilia SEBASTIANI, 1995, p.79). Não o bastante, ele volta a falar de Madalena ao comentar a narração do texto de Lucas 7, 36-50, na homilia 33, onde fala: “[...], na verdade, irmãos, aquela mulher, anteriormente entregue aos seus atos ilícitos, [...]. Com seus olhos tinha desejado as coisas

terrenas, mas agora, humilhando-os pela penitência, chorava.” (Homiliarum in Evangelia I. II, Hom.XXXIII – apud Lilia SEBASTIANI, 1995, p.82).

O desenvolvimento progressivo da pecadora para a arrependida na história dessa considerável personagem, agrega outro detalhe relevante, foi no exato momento em que o Papa Gregório I unificou a identidade de três pessoas distintas em Maria Madalena e a apontou como pecadora, que imediatamente a transformaram-na em prostituta, visto que, como já foi mencionado, os pecados femininos eram interpretados como pecados sexuais. Se ela fosse casada a exposição desse pecado seria traduzido como adultério, mas como ela era solteira, o pecado empregue, foi descrito como concupiscência, o que é correspondente à prostituição. Após as duas homilias, onde uma reforçou a outra, essa identificação se fixou popularmente de forma aterradora, para todos os cantos, prosseguindo até o Grande Cisma, em 1054, onde o culto a Maria Madalena (unificada) se encontrava entre as muitas divergências que provocou a ruptura da Igreja Cristã, entre a Igreja oriental e a Igreja ocidental, pois, a figura defendida pelos ocidentais foi fortemente rechaçada e discriminada pelos orientais:

“Entre as muitas diferenças que se sucederam a essa cisão, o culto a Maria Madalena também sofreu discriminações. O juízo oposto dos padres do Ocidente e do Oriente sobre as três mulheres resultou em duas tradições diferentes: a Igreja Oriental fazia distinção entre as três mulheres – Maria Madalena; a pecadora anônima de Lucas; e Marta de Betânia – e a Igreja de Roma foi progressivamente amalgamando as três, até que foram fundidas em uma só pessoa, fato que perdurou até o século XX no Concílio Vaticano II.” (TOMMASO, 2020, p.75-76).

Maria de Magdala é sensivelmente venerada pela Igreja Oriental, onde sempre foi, e continua sendo, vista e respeitada como a fiel seguidora de Jesus e como primeira testemunha do Ressuscitado, pois nunca deturparam a sua imagem, reconhecendo-a como “isapóstolos”, que a coloca em digna igualdade aos apóstolos. A apreciação divergente entre as Igrejas influenciou até a arte daquele período, fazendo com que Madalena se tornasse o tema favorito dos artistas por muito tempo, ocasionando em representações com grande diversidade de imagens da mesma personagem baseada em suas específicas concepções.

Na iconografia ocidental, Maria Madalena sempre apareceu como a “penitente”, por este motivo, a representação de algumas de suas imagens aparecem como: uma jovem mulher com semblante de arrependida olhando para o céu; uma mulher atraente com olhar pecaminoso em trajes chamativos; uma mulher nua que utiliza os longos cabelos para cobrir o corpo, nesta imagem em específico o artista procurou associá-la a uma “nova Eva”, retratando-a como uma “ameaça” sexual na missão de Jesus; “[...] a tradição ocidental transformou a sua história em uma figura colorida e dramática. Erotismo, tragédia e poder estão juntos nesta única pessoa, tão perto de Cristo.” (BOER, 1999, p.18).

Já a iconografia oriental apresenta a Maria Madalena bíblica, com a intenção de provocar reflexões contemplativas através da pintura, sua imagem não aparece solitária ou com traços que a individualize, pois para os Ortodoxos ela está ligada a história de Cristo e a escatologia: “Qualquer um que ame a Maria Madalena bíblica e a compare com a Maria Madalena cristã (na caricatura deliberada dos ocidentais) deve ficar muito irritado.” (Elisabeth Moltmann-Wendel – apud Esther de BOER, 1999, p.24). Madalena para a Igreja oriental não é uma personagem de uma lenda, muito pelo contrário, ela é exatamente a mulher mencionada nas narrativas dos Evangelhos, portanto, a sua iconografia é representada em cenas que constam a sua presença, tais como: A crucificação; A descida da Cruz; O sepultamento; O encontro com os anjos no sepulcro aberto; A anunciação da Ressurreição aos apóstolos; e as reproduções mais importantes emocionalmente, que são: o Cristo aparecendo a Maria Madalena; e Cristo envolvendo de luz aquela que foi a primeira testemunha da ressurreição, enaltecendo-a como discípula e apóstola, fato que é “esquecido” pela imagem ocidental: “Na iconografia bizantina, Maria Madalena é uma das imagens mais

encantadoras da espiritualidade cristã “sobre o valor do amor, do sacrifício e da redenção e, sobretudo, da transfiguração como uma realidade objetiva”.” (TOMMASO, 2020, p.82).

Desde a sua instituição, nos primeiros séculos, a Igreja já sabia da importância da arte e o quanto ela influenciava o devoto, uma vez que por meio das imagens era possível instruir, edificar, moralizar ou até complementar o ensinamento dos padres. E as representações diferenciadas sobre Maria Madalena sempre geraram polêmicas para escritores, pintores e reformadores. O teólogo e escritor cristão francês, João Calvino (1509-1564), considerado um dos principais líderes da Reforma Protestante (1517), sempre foi um grande crítico da ignorância do clero católico em acreditar e afirmar que Maria Madalena também era a Maria de Betânia e a pecadora da narrativa do evangelista Lucas. Em decorrência da unificação de sua personagem, a arte imbuída foi inclinada a retratá-la em diferentes imagens, essa peripécia fez com que o assunto fosse abordado e discutido no Concílio de Trento (1545-1563), gerando muita repercussão relativa à arte religiosa e levando Maria Madalena a ressurgir como um símbolo da verdadeira fé.

AS MULHERES E O MODELO DE DISCIPULADO

Relatada a verdadeira história de Maria Madalena, no processo pessoal ao seu seguimento a Jesus, ela oferece um modelo de discipulado para todas as mulheres. Essa personagem histórica mencionada diversas vezes nos Evangelhos e exemplo de discípula, não ficou conformada com a submissão das mulheres daquela época. Não será exagero falar que ela foi uma mulher muito “além do seu tempo”, e talvez por isso, tenha causado tanto espanto em muitas pessoas.

Mesmo considerando que para aquele período era “normal” ser submissa, ela não se deixou abater, a mulher destemida foi acolhida por aquele a quem decidiu ser seguidora. Com sua atitude, o seu seguimento estabelece o eixo fundamental da experiência cristã, através de seu comprometimento e fidelidade, e até pode-se dizer, que o seu corajoso exemplo não somente a desperta para o profundo conhecimento ofertado por meio dos ensinamentos e das ações de amabilidade de Seu Mestre, mas também como, promove em cada um, uma reflexão pessoal das necessidades básicas para se considerar parte integrante deste discipulado.

“Com a discípula de Magdala, somos chamados ao seguimento de Jesus, que nos liberta de todos os males – “sete demônios” – e nos envia como testemunhas da ressurreição e anunciadores do Evangelhos: é a Igreja em saída missionária. Com ela, confirmamos que não existe um discipulado inerte sem o impulso do Espírito que recebemos do sopro do Ressuscitado no cenáculo de Jerusalém.” (MAIA, 2023, p.82).

Seguir o Mestre deve ser sempre a principal fonte de inspiração para aqueles que desejam alcançar os seus passos, e é uma eterna experiência de êxodo na direção do próximo, com quem se testemunha, anuncia e partilha a gratificante experiência da ressurreição de Cristo que além de dar a vida por todos, Ele ainda acolhe, cuida e perdoa todos os pecadores e pecadoras em sua divina misericórdia. O chamado de Jesus é a constatação de que sempre somos convidados a estar e a permanecer com Ele, cultivando a intimidade e o amor amplamente ensinado na Sagrada Escritura: “Então, a exemplo de Maria de Magdala, movidos pela mesma graça, responderemos: “Rabbuni!” (Jo 20, 16) (MAIA, 2023, p.83).

“[...], devemos trabalhar corajosamente para restabelecer a verdadeira e autêntica imagem de Maria Madalena e proclamar sua feminina importância apostólica para todas as mulheres (e todos os homens) da Igreja. Que sua presença discipular não fique apenas congelada no início do cristianismo;

senão, que saibamos, ainda hoje, inspirar-nos nela, para revigorar a coragem de continuarmos a lutar pelo sonho de que um “outro cristianismo é possível”! (MICHELETTI, 2022, p.59-60).

A figura feminina que se destacou entre tantos, foi neutralizada, isolada e mal representada por muitos séculos na história da Igreja católica, ela é a única personagem que foi retratada de inúmeras maneiras, mas jamais como uma figura significativa no âmbito intelectual e espiritual do Cristianismo originário. Ela foi praticamente eliminada dos textos canônicos, ficando restrita aos Evangelhos, sua imagem foi reescrita, embaraçosamente reescrita, e a “nova” figura foi utilizada como ensinamento de Jesus aos seus fiéis, como exemplo de pecadora perdoada e de meretriz arrependida.

No grave engano e na abundante falácia há uma possibilidade que vem fortalecendo o resgate legítimo desta mulher, que é a suspeita de que Maria Madalena teria um imenso e valioso poder pessoal que a colocaria em uma posição invejável, em síntese, ela era a única detentora da revelação, recebida diretamente do Ressurreto e com exceção de Maria, a mãe, Madalena é a única mulher a se destacar nos Evangelhos e chamar mais atenção que muitos entre os doze. E ainda sobre esta possibilidade, apontada e defendida por muitos biblistas, nesse caso não se limita a condição financeira, onde comprovaria que sendo rica não precisaria “vender” o corpo por dinheiro, ressaltando que os próprios textos canônicos nunca vincularam essa mulher ao substantivo de “prostituta”, mas sim, na condição espiritual, onde é perceptível através das narrativas bíblicas, que há um progresso em sua fé ao se tornar seguidora fiel de Jesus, que a conduz por um caminho onde se torna a principal personagem da alegria pascal e portadora da Boa Nova: “Se Maria, mãe de Jesus, encarna a pureza da origem, Maria Madalena encarna o esforço da transformação que investe sobre a natureza humana quando é alcançada pelo toque do amor divino.” (MICHELETTI, 2022, p.44).

Maria Madalena percorre um caminho de reconhecimento de Jesus, ensinando o quanto é preciso, inicialmente, buscá-lo, ouvi-lo e deixá-lo falar, pois somente assim haverá uma perceptível aproximação do Senhor, amadurecendo a missão de cada cristão que deve ser e agir como autêntica testemunha. A coragem, a força e a fé dessa mulher são justificáveis para confirmar, sem demasia, que Maria Madalena é o legítimo modelo de discipulado para a figura feminina da atualidade e que suas referências, destemida e persistente, sejam estímulo para diversas ações das mulheres do século XXI para reivindicar e alcançar, de fato, seu espaço na instituição que a subestima.

As Mulheres E A Delicada Relação Com A Igreja

O respeito de Jesus pelas mulheres sempre chamou muita atenção, numa época em que elas eram tratadas como inferiores, Ele era muito atencioso com elas e as tratava com compaixão. As narrativas bíblicas mostram que Jesus sempre manifestou a sua sensibilidade, alegria e atenção com as mulheres, mesmo estando em uma sociedade fortemente patriarcal, Ele as coloca como modelo de fé, a começar com a sua mãe, Maria, que demonstra sua confiança no dom de seu Filho e lhe pede para realizar um milagre nas “nupcias de Caná” (Jo 2, 1-12), porque o vinho tinha acabado.

Lamentavelmente a tradição eclesiástica não soube se abrir para as mulheres que Jesus tanto zelava e amava, a Igreja não trilhou o mesmo caminho do Seu Mestre, muito pelo contrário, ela se empenhou em abafar as vozes femininas por muitos séculos. Jesus ouvia e respeitava homens e mulheres, mas a Igreja escolheu não seguir o exemplo. A humanidade sentiu e ainda sente falta de uma comunidade mais materna, mas ainda nos deparamos com o monopólio demasiado, reduzido e mascarado de uma hierarquia exclusivamente masculina. Observa-se que as mulheres bíblicas, incluindo Maria Madalena, são fonte de inspiração para as mulheres de hoje e mesmo com tantos modelos positivos a instituição procurou meios de silenciar a figura feminina: “Recuperar suas vozes é ingente tarefa à qual muitos biblistas estão se dedicando, embora fique muito a fazer ainda” (MICHELETTI, 2022, p.48).

“No século XVIII foram os intelectuais a abandonar a Igreja (tempo da Ilustração); no século XIX, os operários a deixaram (tempo da revolução industrial e do marxismo); no século XX, são os jovens a deixarem a Igreja (e o êxodo continua) e, se continuar assim, no século XXI, serão as mulheres a deixá-la, mesmo que elas tenham grande coragem e resiliência.” (Joseph MOINGT – apud Guillermo MICHELETTI, 2022, p.45).

Embora a Igreja se expresse mais acolhedora com a atuação das mulheres em diversos setores, na prática, ainda não é o que se presencia. Devido à forte resistência clerical é preciso continuar debatendo esse tema a fim de que se promova novas conquistas nesse “território” tão varonil. O discipulado das mulheres não é algo inventado, ele se encontra na Bíblia, ao redor de Jesus, da mesma maneira como ocorreu com os homens, no entanto, com um grande diferencial, pois acolhendo as mulheres, Jesus, garantiu dignidade, respeito e as tornou agentes missionárias tanto quanto os discípulos homens. Não é segredo que ao longo dos séculos a Igreja se constituiu na supremacia masculina, utilizando-se da categoria de “apostolado” como se fosse exclusivo aos homens, mostrando autossuficiência e excluindo as mulheres.

“Apóstolo (gr. apóstolos, de apostellein, “enviar”). [...] É evidente que a qualificação de apóstolos para os Doze é a preferida do evangelista Lucas, entretanto, só se encontra uma única vez em Marcos (6,30) e em Mateus (10,2). Esse fato dá margem a pensar que não se tratava de uma designação originária da Igreja. No sentido eclesástico, a designação não se encontra em João. Com base nisso, diversos estudiosos consideram que o título não remonta ao próprio Jesus, embora não ponham em dúvida a escolha dos Doze por Jesus; entretanto, acham que o título foi adotado apenas pela Igreja primitiva.” (McKENZIE, 2019, p.56-57).

Em dezembro de 1961, o Papa João XXIII, através de sua bula papal “Humanae salutis”, convoca o XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, o Concílio Vaticano II (CVII), que se iniciou em outubro de 1962 e terminou em dezembro de 1965, com o Papa Paulo VI. Realizado a mais de sessenta anos é importante dizer que a intenção de João XXIII era de promover um “novo pentecostes” na Igreja e é verdade que por um lado houve renovações, principalmente no âmbito pastoral e na reflexão teológica, fazendo com que a Igreja se aproximasse da modernidade daquele tempo, gerando diálogo ecumênico e inter-religioso, ministérios leigos, renovação litúrgica etc. Por outro lado, é sabido que ao passar dos anos houve um enorme esfriamento sobre as medidas conciliares, como forma de evitar qualquer ideia ou medida que levasse a Igreja a uma renovação.

Apesar do Papa João XXIII, através de sua encíclica *Pacem in Terris* (1963), reconhecer naquela década que a emancipação das mulheres era um forte sinal dos tempos da sociedade moderna, não há nenhuma referência sobre a figura feminina nos textos do CVII, mesmo todos estando cientes que já havia um número surpreendente de mulheres atuantes dentro e fora da Igreja. Pautado pelo diálogo, o CVII refletiu sobre temas importantes sobre a igualdade social e os direitos iguais, mas se manteve em silêncio e omitiu o tema que já se mostrava relevante naquele tempo, que era falar sobre a figura feminina e a sua nova realidade no meio do povo.

Mesmo sem receber a atenção dos padres conciliares no CVII e ser totalmente excluída dos primeiros vinte concílios, o XXI Concílio, contou com a presença de algumas mulheres inaugurando uma nova era na história da Igreja. É verdade que a participação delas foi ínfima e sem nenhum direito de fala, mesmo assim, elas colaboraram com a formulação de alguns textos do documento conciliar. No encerramento do CVII, o então, Papa Paulo VI, ciente do desejo do pontífice predecessor, concluiu a assembleia escrevendo uma mensagem direcionada às mulheres, onde modestamente valoriza a figura feminina e encerra a carta com as frases:

“Mulheres, vós que sabeis tornar a verdade doce, terna, acessível, empenhai-vos em fazer penetrar o espírito deste Concílio nas instituições, nas escolas, nos lares, na vida de cada dia. Mulheres de todo o universo, cristãs ou não-crentes, vós a quem a vida é confiada neste momento tão grave da história, a vós compete salvar a paz do mundo”. (PAULO VI, 1965).

As Mulheres E O Papa Francisco

O pontífice que tem sido benquisto pelo mundo inteiro, independente da religião, desde o início de seu pontificado (2013), se destaca por sua humildade, acolhimento e ações. O Papa Francisco vai além de palavras, ele concretamente tem se esforçado para harmonizar a instituição católica com a face de Cristo. Por meio de sua simplicidade, coragem e determinação, o Santo Padre, num resgate histórico aos decretos do CVII, vem promovendo significativas mudanças a partir da Cúria Romana: “A Igreja é uma mulher. A Igreja. Não é a igreja 'a'. Ela é uma mulher, ela é a noiva de Cristo”, diz o Papa Francisco em entrevista à CNN Portugal. Em uma década de pontificado, ele já realizou grandes feitos, mas o que mais tem chamado a atenção é o seu grande entusiasmo em respeito ao papel das mulheres no cerne da Igreja.

O Bispo de Roma deu um passo fundamental na reconstrução da figura de Maria Madalena, abrindo caminho para novas reflexões sobre as mulheres da atualidade. Em 2016 o Papa Francisco fez justiça ao declarar a Apostolicidade daquela que foi a testemunha primordial da ressurreição, igualando a sua importância ao nível dos apóstolos, quando elevou a celebração de Santa Maria Madalena à categoria de festa e com isso salientou a relevância dessa figura feminina. E o pontífice reforça que com ela, todos são chamados a superar situações de sofrimento e cultivar a fé em Jesus Cristo, pois considera que sua fé em Cristo é autêntica.

“Ao reconhecer Maria de Magdala como Apóstola dos apóstolos, título praticamente esquecido por longos séculos, a Igreja, na pessoa do Papa Francisco, nos recorda a essência da esperança cristã celebrada na Páscoa, depois do drama da Paixão de Jesus Cristo. A liturgia do tríduo pascal nos leva à beira do túmulo, acompanhando Maria de Magdala desamparada e chorosa”. (MAIA, 2023, p.76).

E o pontífice não parou por aí, no ano de 2021, o Santo Padre mostrou o porquê é considerado um papa “feminista” ao estabelecer por meio de duas Cartas Apostólicas em forma de Motu Proprio, importantes decretos para o povo de Deus. No mês de janeiro foi divulgada a carta “*Spiritus Domini*”, onde ele alterou o primeiro parágrafo do cânone 230 do Código de Direito Canônico, estabelecendo que os ministérios do Leitorado e do Acolitado sejam abertos às mulheres, de forma estável e institucionalizada, com um mandato especial. Meses depois, em maio, através da carta “*Antiquum Ministerium*”, ele instituiu o Ministério de Catequista, onde todos sabem que o público dessa dimensão vocacional da Igreja conta com um público, predominantemente de mulheres.

Ainda no mesmo ano, no mês de fevereiro, o Papa Francisco nomeou a primeira mulher para a ocupação de Subsecretária do Sínodo dos Bispos, um organismo consultivo do papa. A partir deste momento, a irmã Nathalie Becquart se tornou a primeira mulher com direito a voto no Vaticano e é uma das poucas mulheres a ocupar cargos importantes no pontificado do Santo Padre.

Além dessas resoluções, no mês de março de 2022, foi promulgada a nova Constituição Apostólica sobre a Cúria Romana e seu serviço à Igreja no Mundo, a “*Praedicate Evangelium*”, onde sanciona um processo de reforma que levam ao nascimento de novos Dicastérios, “que procura aprofundar a reflexão sobre a relação homem-mulher na sua respectiva complementaridade e igual dignidade. [...], valorizando as peculiaridades femininas e desenvolvendo modelos de liderança para a mulher na Igreja”. (PE, art. 131, p.71).

E o mais novo e importante passo dado pelo Papa Francisco no caminho de aumentar a inclusão dentro da Igreja e aproximá-la do modelo originário instituído por Jesus Cristo, em abril deste ano (2023), o Pontífice, aprovou um conjunto de mudanças permitindo, pela primeira vez, a participação de leigos e principalmente de mulheres, com

direito a voto, na XVI Assembléia Geral Ordinária Do Sínodo Dos Bispos, demonstrando com suas ações o quanto ele está comprometido em derrubar o muro do clericalismo. A primeira etapa do Sínodo sobre a Sinodalidade, ocorreu entre os dias 04 e 29 de outubro, com um total de 464 participantes, dentre estes estavam 54 mulheres, que puderam não somente expor o sofrimento vivenciado dentro da Igreja, mas também como, dialogar e suscitar uma marcante reflexão com os participantes, sobre as mais delicadas situações que causam profundas frustrações nas mulheres ao se depararem com as recorrentes ações de discriminação advindo da supremacia masculina do meio eclesial, que levam à violência de gênero (sexismo), depreciação da espiritualidade feminina, abuso de poder e um forte clericalismo.

O Santo Padre reitera claramente a sua preocupação com a Igreja do futuro e por meio de suas homilias, cartas ou pronunciamentos ele anuncia que Jesus quer uma Igreja unida e fraterna, e principalmente que escuta e dialoga. Todas as medidas realizadas pelo Papa Francisco estão no caminho da busca em tornar a instituição católica mais afetuosa e inclusiva, especialmente com as mulheres. A segunda etapa do Sínodo sobre a Sinodalidade irá ocorrer em outubro de 2024:

“[...] a nossa Mãe Igreja sempre precisa de purificação, de ser «reparada», porque todos nós somos um Povo de pecadores perdoados, sempre necessitados de regressar à fonte que é Jesus e de nos colocarmos novamente nos caminhos do Espírito para chegar a todos com o seu Evangelho. Francisco de Assis, num tempo de grandes lutas e divisões entre o poder temporal e o religioso, entre a Igreja institucional e as correntes heréticas, entre cristãos e outros fiéis, não criticou nem atacou ninguém, mas limitou-se a pegar nas armas do Evangelho, ou seja, a humildade e a unidade, a oração e a caridade. Façamos assim também nós!” (FRANCISCO, na abertura do Sínodo em 04/10/2023).

CONCLUSÃO

A ampla pesquisa realizada ofertou diversos conteúdos a serem explorados, mas, neste primeiro momento a abordagem se manteve restrita aos textos canônicos e publicações de autores conceituados para firmar que Maria Madalena a “discípula predileta do Senhor” e a “Apóstola dos Apóstolos” são referências que deveriam ter sido valorizadas desde o início da história desta importante personagem do cristianismo primitivo, mas, infelizmente, são somente subtítulos de livros e revistas de pessoas que se preocuparam em esmiuçar os anais dessa mulher que não pôde ser calada e nem excluída dos Evangelhos, simplesmente, por ser a escolhida do Salvador e por expressar os seus legítimos sentimentos na gratuidade do amor e na confiança em sua fé amadurecida, à conduzindo para um caminho agraciado, onde é recompensada em tornar-se, de fato, a primeira testemunha de Jesus Cristo Ressuscitado.

Esse acontecimento incontestável que nos direciona a pesquisar sobre Maria Madalena, por um lado, traz diversos questionamentos que lamentavelmente, devido à grande distância do tempo pregresso e ao forte empenho em ocultá-la, afasta a probabilidade de se conhecer a veracidade sobre a biografia da mulher que foi levada ao paradoxo “de personagem do Evangelho a mito de pecadora redimida”. Por outro lado, a investigação sobre a sua existência também nos traz a clareza do quanto foi pernicioso “confundi-la” ou injuriá-la, e a certeza de que tal detração não fez mal somente a Maria Madalena, mas também, originou consequências para todas as outras mulheres que se sucederam a sua história, ressoando até a atualidade.

Inegavelmente, a história da Igreja, desde os seus primórdios, sempre discriminou muito as mulheres, fazendo com que a figura feminina fosse (e ainda é) excluída, desacreditada e menosprezada pelo simples fato de ser mulher. Apesar dos atuais esforços do Papa Francisco em fomentar ações que conduzam a instituição católica para a concretização de uma Igreja sinodal, o que ainda se presencia é a repetição de comportamentos já conhecidos, classificados como sexismo e machismo por parte do forte clericalismo dos ministros ordenados.

As mulheres não desejam se sobrepor aos homens, mas buscam ser incluídas e tratadas como iguais, pois o que realmente se almeja não é algo inventado ou ilusório, porque deveras encontramos na própria Sagrada Escritura, através das narrativas sobre as ações e os ensinamentos na vida pública de Jesus, os exemplos de como mulheres e homens podem e devem caminhar juntos para anunciarem a Boa Nova e serem genuínas testemunhas da comunhão com o Reino de Deus. Mas, como sabe-se, tal inclusão, com tratamento igualitário, ainda está muito longe de ocorrer, certamente devido a execução desta abertura, o grande receio por parte dos homens à frente da instituição católica, em acarretar consequências indesejáveis, ocasionando uma possível diminuição do tão cobiçado e protegido “poder” da supremacia masculina.

Para sintetizar os apontamentos deste artigo, resgato três frases que são atribuídas ao “pai da história”, Heródoto, grande historiador e geógrafo grego do século V a.C., que por meio de suas obras eternizou expressões e pensamentos que se tornaram acrônicas. A primeira: “A calúnia é sem dúvida, o pior dos flagelos, visto que faz dois culpados e uma vítima.” (HERÓDOTO, entre 450 e 430 a.C.), que nos incita a refletir sobre a situação enfrentada por Maria Madalena no tempo em que a mulher não valia nada, mesmo se pudesse falar, não seria ouvida caso quisesse refutar o comentário de dois homens. A segunda: “É sem dúvida mais fácil enganar uma multidão do que um só homem.” (HERÓDOTO, entre 450 e 430 a.C.), que nos alerta para a facilidade de se difundir uma desmoralização sobre qualquer pessoa para uma sociedade inteira, sem a preocupação de comprovar tais comentários e sem a noção das consequências que podem ser geradas.

E por último, a terceira e mais célebre frase deste reconhecido homem: “É preciso conhecer e pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro.” (HERÓDOTO, entre 450 e 430 a.C.), que nos provoca a ir ao encontro da verídica informação através de pesquisas e estudos, com o intuito de reivindicar que os erros do passado não se tornem eternos para que se possa procurar viver e conviver com direitos equilibrados e sem o medo da discriminação. Por infelicidade, atualmente, em pleno século XXI, é lamentável registrar que a simples narração de uma estória qualquer, que tenha uma versão masculina e uma versão feminina, a visão pelo prisma da mulher sempre levanta dúvidas, mesmo contendo o lado verídico do acontecimento. Dessa forma os ouvintes são influenciados, sejam eles homens ou mulheres, que acabam considerando e confiando na interpretação do sexo oposto. A situação se agrava, profundamente, no âmbito eclesástico, quando nos deparamos com controvérsias de uma mesma narrativa, onde exista a versão de um ministro ordenado e a versão de uma leiga, infelizmente, a sociedade, sem nenhum questionamento ou alguma dúvida, acaba acreditando e defendendo a interpretação daquele que foi ordenado, pela simples imaginação fantasiosa de que eles não são capazes de mentir ou omitir a seu próprio favor.

Por fim, é preciso lembrar, falar e sempre reforçar que a “Igreja” é infinitamente Santa pela divindade da Trindade, mas também é extremamente pecadora pelos homens que a regem. Enquanto houver essa divisão dentro da Igreja, onde mulheres são vistas meramente como serviçais de pastorais, corre-se o risco de acarrear um esgotamento físico e principalmente espiritual da resiliência feminina que é tão importante para a missão cristã, mas, que é desvalorizada por uma sociedade cega e por uma Igreja misógina.

5.REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XVI, 2023, Vaticano. Por uma Igreja Sinodal (2021-2024): comunhão, participação, missão. Vaticano: jun. 2021 – nov. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/taglist.chiesa-e-religioni.Vaticano.sinodo.html>. Acesso em: 01 nov. 2023.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XVI, out. 2023, Vaticano. Por uma Igreja Sinodal (2021-2024): instrumentum laboris. Disponível em:

https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/universal-stage/il/PAGINATED_POR_INSTRUMENTUM-LABORIS-A4.pdf. Acesso em: 01 nov. 2023.

BÍBLIA de Jerusalém. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). 5. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

CONSELHO DAS MULHERES CATÓLICAS, CWC. Mulheres católicas denunciam ao Vaticano “o abuso de poder, clericalismo, sexismo e medo” que sofrem dentro da Igreja. Instituto Humanitas Unisinos, out. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/622713-mulheres-catolicas-denunciam-ao-vaticano-o-abuso-de-poder-clericalismo-sexismo-e-medo-que-sofrem-dentro-da-igreja>. Acesso em: 01 nov. 2023; Do que as mulheres da Igreja se queixam? Clericalismo, violência sexista e desigualdade. Instituto Humanitas Unisinos, out. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/623115-do-que-as-mulheres-da-igreja-se-queixam-clericalismo-violencia-sexista-e-desigualdade>. Acesso em: 01 nov. 2023.

DE BOER, Esther. Maria Madalena: discípula, apóstola e mulher. 2. ed. São Paulo: Madras, 1999.

DE GOUVEIA, José; QUIRINO, Ademilson. A apóstola Maria Madalena: o primado da escuta e do amor. Mandrágora: São Paulo, v. 28, n. 2, p. 227-244, set./nov. 2022. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/1037143>. Acesso em: 20 jun. 2023.

DOMÉZI, Maria. Mulheres do Concílio Vaticano II. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2016.

FRANCISCO. A presença de mulheres na Igreja não é uma moda feminista, é um ato de justiça. Instituto Humanitas Unisinos, set. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/621950-francisco-a-presenca-de-mulheres-na-igreja-nao-e-uma-moda-feminista-e-um-ato-de-justica>. Acesso em: 01 nov. 2023.

FRANCISCO. Carta Apostólica em forma de Motu Proprio Antiquum Ministerium. 1. ed. Brasília: CNBB, 2021.

FRANCISCO. Carta Apostólica em forma de Motu Proprio Spiritus Domini. 1. ed. Brasília: CNBB, 2021.

FRANCISCO. Constituição Apostólica Praedicate Evangelium. 1. ed. Brasília: CNBB, 2022.

HERÓDOTO. Citações e frases famosas, jan. 2019. Disponível em: <https://citacoes.in/autores/herodoto/>. Acesso em: 01 nov. 2023.

JOÃO PAULO II. Código de Direito Canônico. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

JOHNSON, Elizabeth. et al. Maria de Magdala: apóstola dos apóstolos. Instituto Humanitas Unisinos – IHU On-Line, São Leopoldo – RS, a. XVI, n. 489, p.18-93, jul. 2016. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/489>. Acesso em: 11 jul. 2023.

JOSEFO, Flávio. Uma testemunha do tempo dos apóstolos: documentos do mundo da Bíblia. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1986.

MAIA, Gilson. Maria Madalena: discípula predileta do Senhor. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2023.

MCKENZIE, John. Dicionário bíblico. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1984. p. 56-57.

MICHELETTI, Guillermo. Maria Madalena: apóstola dos apóstolos, uma vida a descobrir. 1. ed. Aparecida: Santuário, 2022.

PAULO VI. Mensagem na Conclusão do Concílio Vaticano II Às Mulheres, dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-donne.html. Acesso em: 01 nov. 2023.

SEBASTIANI, Lilia. Maria Madalena: de personagem do evangelho a mito de pecadora redimida. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

TOMMASO, Wilma. Maria Madalena: história, tradição e lendas. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2020.